

David Bosboom



Lighting designer estadunidense aplica dramaticidade da luz teatral em projetos de iluminação arquitetônica.

Entrevista concedida a Erlei Gobi

Você iniciou sua carreira no teatro. Como começou a trabalhar com iluminação arquitetônica?

Os lighting designers de arquitetura que conheço começaram suas carreiras na Broadway e não fujo à regra. Na década de 80 fazia a NY Fashion Week em restaurantes e hotéis, junto com famosos designers de moda, quando surgiu o meu primeiro projeto de iluminação para um restaurante na Times Square. Foi uma satisfação criar um design permanente sem precisar desmontá-lo no final do show.

Seu escritório, o LDB Lights, agora é parceiro do Peter Gasper & Associados. Conte-nos sobre esta parceria.

A parceria está apenas começando, mas estou satisfeito com a recepção da diretora Maria Helena e sua talentosa equipe. Peter Gasper tinha uma formação semelhante à minha, em TV, e a paixão pela arte de iluminar. O escritório é referência internacional e sempre recebe novos projetos, dos quais quero participar. Estou associando o LDB Lights a uma empresa que realizou importantes projetos, como o Sambódromo, o Cristo Redentor, edificações de Niemeyer, entre muitos outros. Estou pronto para o desafio!

Qual sua opinião sobre os produtos de iluminação fabricados no Brasil? Eles atendem as demandas dos profissionais?

Há cinco anos no Brasil acho boa a evolução e a qualidade dos produtos nacionais, em geral. Porém, tenho o hábito de pensar equipamentos, marcas e luminárias internacionais; é uma luta interna que, com o aumento do dólar, estou su-

perando. No mercado globalizado temos acesso à informação sobre tecnologias, mas não exatamente aos equipamentos. Espero poder encontrar um fabricante interessado em desenvolver estilos e novas tecnologias de equipamentos de iluminação de arquitetura comigo, para que possamos ter ainda mais opções no mercado.

Quais foram os trabalhos mais importantes da sua carreira até hoje?

Sempre dou 100% de minhas habilidades, sem distinção de tamanho e importância. Como venho de teatro, dança e TV, incorporo conceitos dramáticos em meus projetos, iluminando uma bela edificação como uma bailarina do Bolshoi. Meus 30

anos no setor de entretenimento e luz de arquitetura incluem Disney, Broadway, o evento 100 anos da Coca-Cola, o Studio de TV Times Square, o High School of Performing Arts (do filme Fama), até o único musical montado na ONU. Os primeiros projetos no Brasil foram uma consultoria para o Oi Casagrande e o projeto da ONG Solar Meninos de Luz, ambos teatros de grande importância para suas comunidades. O desafio de trazer a iluminação original da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, de 1884, ao LED dos dias de hoje foi publicado na edição nº 74 da Lume Arquitetura. Como designer, o importante é ver o impacto da iluminação numa região e na vida das pessoas.

Que tipo de formação você acredita que um lighting designer deve ter?

A iluminação revela o objeto de arte que ilumina, sendo por si só uma arte. O lighting designer é, em primeiro lugar, um artista. Olhar a qualidade da luz em vários momentos do dia; observar obras de mestres da pintura; fazer iluminação de teatro e dança, tudo faz parte da formação interminável do profissional. O tipo de treinamento que recebi não existe mais, fui aprendiz de grandes designers, como John Gleason e Thomas Skelton, que me ensinaram a pensar como um designer, compartilhando suas experiências e conhecimentos de como evocar a emoção com a luz e, só então, escolher os equipamentos necessários para criar o resultado dessa emoção. Iluminação de arquitetura é mais que números de lumens por metro quadrado ou o circuito adequado para um projeto. ◀